

TODAS AS CONTAS DA CLASSE

Eles são a primeira geração de suas famílias a dispor de crédito e poder de consumo desde jovens – e agora estão com a corda no pescoço por não saber lidar com essa novidade. O que aprenderam?

Graziele Oliveira

Gilmar de Campos curte funk de ostentação e segue à risca o que ensinam as letras do ritmo. Sua rotina parece ter saído do receituário de MC Guimê, ícone desse estilo musical. No guarda-roupa, abundam os “kits”, expressão que define os itens de grife:

cordão de prata, relógios, tênis, calças, óculos, jaquetas, camisas. “Se não for de marca, para mim, não tem valor”, afirma Campos. Nos bailes funk que frequenta, diz já ter gastado R\$ 600 sozinho, em uísque e vodca. Morador da Vila Brasi-
lândia, bairro da periferia de São Paulo, ▶

Calça Oakley,

R\$ 200

Tênis Mizuno,

R\$ 1.000

Baladas de funk,
R\$ 600

Óculos Oakley,
R\$ 150

Jaqueta
Hang Loose,
R\$ 450

Relógio Diesel
(réplica),
R\$ 200

PARA QUE GANHAR SEM OSTENTAR?

Gilmar de Campos

Ajudante de manutenção de vias públicas

Quanto deve: R\$ 2 mil

Quanto ganha: R\$ 1.300

Em que gastou:

festas, roupas e acessórios de marca

Gilmar de Campos quer reconquistar a namorada. Ela o pôs para fora de casa em maio, depois de ele gastar R\$ 1.000 em roupas de marca. Faltou dinheiro para as contas do mês. Para piorar, ele ficou sem trabalho. “Sei que dei a maior mancada”, diz. Campos procura trabalho, mas ainda não se convenceu de que seu problema não é só ganhar mais dinheiro, e sim gastar menos. “Me sinto bem comprando roupas de marca. Chamam a atenção”, diz. Ele tem dois cartões de crédito. Os dois estão estourados. O primeiro que teve chegou quando conseguiu o primeiro emprego. Nos anos seguintes, outros chegaram à casa dele, sem que ele pedisse. “O crédito era de metade do meu salário. Fui usando e não consegui pagar.”

“ENQUANTO DER PARA GASTAR, VOU CONTINUAR GASTANDO”

TOTAL GASTO R\$ 2.600

Campos tem dois cartões de crédito com dívidas não pagas e está desempregado. Até maio, seu salário mensal como ajudante de manutenção de vias públicas era de R\$ 1.300, pouco mais que o preço do par de tênis que ele exhibe na foto desta reportagem. Que problemas ele vê em gastar mais do que ganha? Nenhum. “Enquanto der para gastar, continuo gastando. Compro mesmo. Se não estiver vestido assim, não sou ninguém”, diz. O resultado da ostentação, até o momento, é uma dívida de R\$ 2 mil nos cartões de crédito, um carro devolvido e uma namorada perdida (*leia o quadro da página 77*). Comportamentos como esse são mais comuns numa parcela da população brasileira, a mesma que recebeu o discutível rótulo de “nova classe média”.

São famílias da classe C, cuja renda *per capita* vai de R\$ 320 a R\$ 1.120. Isso inclui 108 milhões de pessoas, a maior parte da população brasileira. Na última década, elas passaram a ter mais acesso a financiamento e, em 2013, movimentaram 58% do crédito no Brasil. Os gastos crescentes dessas famílias contribuíram com a expansão acelerada da economia até 2010. Desde

então, a produção, a geração de empregos e o aumento salarial desaceleraram. Os bancos se tornaram mais restritivos na rolagem de dívidas e na concessão de crédito, por receio da inadimplência. Em maio, o número de inadimplentes cresceu quase 10%, o maior salto desde 2010, segundo o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). A classe C corresponde a cerca da metade dos inadimplentes. Não é uma faixa mais caloteira que a classe alta, mas sofre mais ao se endividar. Eles têm crédito (ao contrário dos mais pobres), mas não dispõem de poupança, patrimônio, contatos nem educação financeira para lidar com momentos ruins (ao contrário dos mais ricos).

Dos endividados, quase metade assume ter entrado no vermelho por causa de produtos novos em seu cardápio de consumo, segundo uma pesquisa da Techeque, empresa de avaliação de risco

de crédito no varejo. Quem prospera um pouco e dispõe de crédito pela primeira vez costuma se endividar em excesso, no mundo todo. Em nações como Estados Unidos, Espanha e França, os cidadãos saídos da pobreza tomaram empréstimos em menor número, de valor mais alto, para comprar imóveis. Aqui, usa-se crédito para o consumo de serviços e bens não duráveis, como refeições na rua, idas a salão de beleza ou roupas caras.

Por causa do endividamento, a classe C vem sendo dissecada por estudiosos do assunto. A começar pelo uso de um único critério – a renda – para definir a ascensão. Ele não é suficiente para fundamentar mudanças duradouras e abrangentes, nem para afirmar que o Brasil é agora um país de classe média. Um aumento de poder de compra de R\$ 100 de uma família em cidade pequena tem chance de ser

uma mudança relevante. Numa cidade grande, há mais opções de consumo de bens e serviços, e muitos preços são calibrados para o consumidor rico. O ganho de R\$ 100 no poder de compra pode rapidamente virar dívida, por levar à adoção de hábitos mais ca-

ros. “Aumento de consumo pode não significar mudança de classe. É preciso incluir componentes sociais, como a escolaridade”, diz o economista José Afonso Mazzon, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP).

A tese da “nova classe média” recebe ataques dos dois lados do espectro político. Pela direita, há críticas aos pés de barro do enriquecimento. Afirmam que a população se beneficiou de condições criadas pelos últimos governos, não de um real aumento em sua capacidade de produzir e empreender. Pela esquerda, afirmam que a vida dos mais pobres avançou apenas no acesso ao consumo. “Melhorou o nível de renda, mas não houve uma alteração de status social, valores e educação”, diz Marcio Pochmann, economista, professor da Universidade de Campinas (Unicamp) ▶

SOFRE MAIS QUEM SE ENDIVIDOU SEM TER POUPANÇA, NEM EDUCAÇÃO FINANCEIRA, NEM BOA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL



Minipenteadeira,

R\$ 120

Brindes de fast-food,

R\$ 68

O CONTO DE FADAS ACABOU

Michele Marinho

Gerente de depósito de material de construção

Quanto deve: R\$ 4 mil

Quanto ganha: R\$ 1.300

Em que gastou: roupas, brinquedos e passeios para ela e para a filha



Festa de aniversário
das princesas,
R\$ 3 MIL

Brindes de ovos
de Páscoa,
R\$ 150

Minigeladeira,
R\$ 80

Minitablet,
R\$ 300

TOTAL GASTO R\$ 3.718

A vida da Michele Marinho e sua filha, Lívia, de 6 anos, melhorou nos últimos anos. “Fui promovida, tive aumento e mudamos para um casa maior”, diz. Os gastos dispararam. Nos fins de semana, a família passou a comer fora, ir a parques e frequentar shopping centers. Gastavam ao menos R\$ 300 por mês com diversão. “Se eu gostasse, comprava, tanto para mim quanto para a Lívia”, diz Michele. O descontrole deixou dívidas e outra marca, mais profunda. Michele fi-

cou chocada por seu nome entrar no cadastro de inadimplentes, já que sempre se orgulhara da organização das contas. A família reagiu e cortou gastos com recreação e alimentação fora de casa. Michele busca mais opções para acertar a vida financeira. Ela tem noção dos elevados juros do cartão de crédito e tenta renegociar com os bancos, ainda sem sucesso. Outra resolução é ensinar à pequena Lívia o valor das coisas. “Antes, ela pedia e eu comprava. Agora, já pergunta se podemos comprar”, afirma.

“**JÁ CORTEI MUITO, MAS AINDA PROCURO MEIOS PARA ECONOMIZAR MAIS**”

CONTAS A PAGAR

Maquiagem
e cremes,

R\$ 2 MIL

Calças jeans,

R\$ 2 MIL

Vestido,

R\$ 100

Casacos,

R\$ 310

CONTAS PAGAS E LIÇÃO APRENDIDA

Lívia Bastos

Auxiliar administrativa

Quanto deve: R\$ 650

Quanto ganha: R\$ 900

Em que gastou: roupas, sapatos,
maquiagem e produtos de beleza

Na vida adulta, Lívia Bastos sempre teve conta em banco, carteira registrada, cartão de crédito e hábitos de consumo caros. Só em cosméticos, gastou cerca de R\$ 2 mil. “Comprava uma roupa nova para cada balada. Não queria repetir roupa nem sapato. Na minha cabeça, minhas amigas nunca repetiam”, afirma. “Gastava tudo o que tinha, e as contas se acumulavam.” Em abril, aos 24 anos, percebeu que a situação era insustentável. O choque veio com uma fatura de

cartão no valor de R\$ 600, só em roupas, sobre uma dívida que só fazia aumentar. Lívia começou a se organizar. A dívida parou em R\$ 1.050 e começou a cair, graças às mudanças. Lívia aprendeu a negociar dívida com o banco, passou a anotar todo início de mês o que tem a pagar e montou uma planilha para controlar os gastos. “Agora, antes de comprar, eu me pergunto ‘preciso disso?’” Ela afirma que a decisão não foi dolorosa. “Na verdade, foi mais fácil do que eu pensava. Hoje, me pergunto: por que não fiz isso antes?”



Sapatos,
R\$ 3 MIL

Sapato,
R\$ 270

TOTAL GASTO R\$ 7.680

**“NÃO PRECISO
TER TUDO O QUE
AS PESSOAS
TÊM E ENSINAREI
ISSO A MEU
FILHO”**

e ex-presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Os críticos se unem em um ponto: a mobilidade social aumentou apenas na base da pirâmide. Surgiram chances de os miseráveis e pobres se tornarem menos miseráveis e menos pobres, de consumir mais. Com o aumento do salário mínimo, dos programas sociais, como o Bolsa Família, e a maior geração de empregos de até dois salários mínimos (foram 22 milhões nos últimos dez anos), muita gente saiu da condição de pobreza, passou a consumir mais e tornou relevante o poder de consumo da base da pirâmide. Contribuiu com o fenômeno também o relativo barateamento de alguns produtos e serviços, como eletrodomésticos ou viagens. Não há, porém, maior mobilidade no meio da pirâmide – os pobres não ganharam poder de poupança e capacidade de planejamento financeiro de longo prazo. Pesam contra eles a baixa escolaridade, a falta de qualificação profissional, a pequena capacidade de poupar, a dependência da economia informal e a incapacidade de pagar por serviços privados de educação e saúde. “Eles podem voltar às

condições de classe D, caso o crescimento econômico desacelere e aumente o desemprego”, diz Ricardo Ismael, cientista político da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio.

O grande vilão do endividamento dessas famílias não é o consumo, nem o desejo de comprar, nem a abundância de crédito. É a falta de educação financeira. “O consumo nessa classe se deu de modo não planejado, com uma mistura de dinheiro real, o salário, e virtual, como cartões de crédito e empréstimos”, diz Pedro Braggio, educador financeiro. É o caso de Michele Marinho, gerente numa loja de materiais de construção no bairro de Heliópolis, periferia de São Paulo. Ela contava com os limites dos cartões de crédito para cobrir possíveis gastos de emergência com a filha Livia, de 6 anos. “No início, administrei muito bem, mas foi só eu precisar me afastar do

trabalho por um problema de saúde, e meu salário vir menor, que perdi o controle”, diz Michele.

Várias mudanças podem melhorar o quadro. A simples melhora do ensino de matemática e lógica na escola já faria diferença. Luiz Augusto Ferreira, presidente da Confia Microfinanças e Empreendedorismo, acredita que caberia aos bancos oferecer o crédito com orientação financeira. Trata-se de um serviço que pode acarretar danos ao cliente se for mal usado, como ocorre com medicamentos. “É preciso entrar no mundo dessas pessoas e pensar com a lógica delas”, diz Ferreira. Alguns apostam na educação financeira, com aulas mais específicas, que ensinem crianças e jovens a administrar o dinheiro. “A educação financeira é uma habilidade essencial para viver hoje, como a leitura, a escrita ou a

matemática. Deveria ser ensinada desde cedo, no ensino fundamental, ou mesmo antes”, afirma Annamaria Lusardi, professora de economia e contabilidade da Universidade George Washington e diretora acadêmica do Centro de Excelência em Alfabetização Econômica Global. Para

A IGNORÂNCIA FINANCEIRA NÃO É PRIVILÉGIO DA CLASSE C. MAS PODEM VIR DESSE GRUPO LIÇÕES PARA TODA A SOCIEDADE

Annamaria, mesmo temas complexos, como juros compostos (os juros sobre juros), podem ser simplificados – basta dizer que vale a pena começar a poupar cedo e evitar empréstimos fáceis de tomar, a juros altos. Ela aposta em histórias e vídeos como armas poderosas. “São fáceis de ver e podem simplificar informações. Motivam mais que, digamos, uma palestra”, diz (*assista ao vídeo em epoca.com.br*).

Mesmo sem aulas formais, o aprendizado está em andamento. Depois de receber uma fatura de cartão de crédito com R\$ 600 de gastos em roupas, Livia Bastos procurou orientação. Um educador financeiro, pago por uma parente, a ensinou a negociar dívidas, a planejar gastos e a conter os impulsos de compra. O analfabetismo financeiro não é privilégio da classe C. Mas podem vir desse grupo lições valiosas para toda a sociedade. ♦